



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

IVONELY DE BRITO PEREIRA

***"LECTIO DIVINA"*: PRÁTICAS DE LEITURA E CATEQUESE
NA PARÓQUIA CRISTO LIBERTADOR, DA CIDADE DE
SANTARÉM - PARÁ, ENTRE 2011 E 2015.**

**Santarém
2019**

IVONELY DE BRITO PEREIRA

**"LECTIO DIVINA": PRÁTICAS DE LEITURA E CATEQUESE
NA PARÓQUIA CRISTO LIBERTADOR, DA CIDADE DE
SANTARÉM - PARÁ, ENTRE 2011 E 2015.**

Trabalho de conclusão de curso - modalidade artigo - apresentado ao curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia/História do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. André Dionei Fonseca.

**Santarém
2019**

IVONELY DE BRITO PEREIRA

**"LECTIO DIVINA": PRÁTICAS DE LEITURA E CATEQUESE
NA PARÓQUIA CRISTO LIBERTADOR, DA CIDADE DE
SANTARÉM - PARÁ, ENTRE 2011 E 2015.**

Trabalho de conclusão de curso - modalidade artigo - apresentado ao curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia/História do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. André Dionei Fonseca.

Conceito:

Prof. Dr. André Dionei Fonseca - Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Dra. Lorena Lopes da Costa - Membro
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

**Santarém
2019**

RESUMO

Este artigo trata de uma histórica prática de leitura desenvolvida pela Igreja Católica, a *Lectio Divina*, analisada a partir da realidade da Paróquia Cristo Libertador, da cidade de Santarém-Pará, entre 2011-2015. Esse importante método é utilizado como recurso na realização das atividades catequéticas com crianças, jovens e adultos da referida Paróquia. O tema em debate enquadra-se na perspectiva da história da leitura, que é uma das principais frentes de pesquisa trabalhada por estudiosos da Nova História Cultural nos últimos anos. Em vista disso, examinam-se alguns documentos da Igreja que prescrevem a maneira ordinária com que a metodologia orante da Bíblia deva ser aplicada aos fiéis. Para análise das fontes, utiliza-se o aporte teórico e metodológico da história oral e as relevantes contribuições do estudo da história da leitura. Conclui-se que, mesmo que a Igreja Católica tenha adotado diversos mecanismos de "controle" na doutrinação das práticas catequéticas, a transmissão das mensagens bíblicas ocorreu a partir de certas adaptações e inventividades pedagógicas pensadas pelas catequistas com o objetivo de tornar o ensino da "Palavra de Deus" mais efetivo, mesmo que isso implicasse, em um momento ou outro, na desobediência ao manual pedagógico produzido pelas instâncias superiores da Igreja.

Palavras-Chave: História da Leitura. Igreja Católica. Lectio Divina.

ABSTRACT

This article addresses the *Lectio Divina*, a historical practice of reading conducted by the Catholic Church. It is analyzed from the context of the Parish Church of *Cristo Libertador*, in the city of Santarém, in Pará, between 2011 and 2015. This important method is used as a resource for the catechetical activities with kids, teens and adults of the parish. The theme corresponds to the perspective of the history of reading, which is one of the main researching areas explored by scholars of the New Cultural History in the recent years. Therefore, we analyze some documents of the church which prescribe the ordinary way of applying the prayerful methodology to the churchgoers. In order to analyze the sources, the theoretical and methodological input of oral history is employed, in conjunction with relevant contributions in the investigation of the history of reading. In conclusion, even though the Catholic Church has adopted various mechanisms of “control” in the indoctrination of the catechetical practices, the communication of the biblical messages came from some adjustments and pedagogical inventiveness drafted by the catechists with the purpose of making the teaching of the “word of God” more effective, even if it implicated the non-compliance with the pedagogical manual produced by the superior body of the church at a certain point.

Key Words: History of Reading. Catholic Church. Lectio Divina.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discutirá o tema "*Lectio Divina*": práticas de leitura e catequese na Paróquia Cristo Libertador, da cidade de Santarém - Pará, entre 2011 e 2015. Buscaremos analisar como a *Leitura Orante*, método da tradição católica utilizado pelas primeiras comunidades cristãs, foi entendido e ensinado pelos catequistas da Paróquia em questão, considerando que esses catequistas, na função de formadores, eram leitores que interpretavam um lauto repertório de textos cujas mensagens deveriam contribuir na formação de crianças, jovens e adultos no período correspondente ao recorte temporal da pesquisa.

Para tanto, faz-se necessário compreender os procedimentos de leitura e catequese a partir da concepção da História Cultural que recebeu esse nome nos anos 1970, inicialmente ligada à história das mentalidades. De acordo com Ronaldo Vainfas (1997), esse tipo de história apresenta-se como "Nova História Cultural", no sentido de que:

[...] Revela especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências, as crenças heterodoxas... Em uma palavra, a Nova História cultural revela uma especial afeição pelo informal e, sobretudo, pelo popular. (VAINFAS, 1997, p. 221).

Para o autor mencionado, outra característica relevante na abordagem da moderna História Cultural está no fato de ela retomar a participação dos diversos grupos sociais; perceber os conflitos existentes entre esses indivíduos, no que tange à estratificação social; enfim, preocupa-se com o lugar ocupado pelas pessoas e os variados grupos dentro de um contexto social.

Cabe considerar ainda, segundo José D'Assunção Barros (2014, p.15), a defesa de que: "a História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção, (...) sendo a recepção uma forma de produção".

Dando enfoque ao caso específico do livro, produção cultural que foi objeto de grande interesse dos historiadores vinculados à Nova História Cultural, José D'Assunção Barros esclarece que tanto a elaboração de um livro (escrita, impressão, edição) quanto às diferentes modalidades de leitura que se segue a sua circulação, são momentos distintos de produção de cultura. Desse modo, o autor, o editor e o leitor

encontram-se em um rico circuito de produção cultural que deve ser analisado em sua totalidade, ou seja, sem excluir a figura do leitor que faz uso desse objeto cultural e que, portanto, é também produtor de cultura:

[...] Cada leitor recria o texto original de uma nova maneira - isto de acordo com seus âmbitos de "competência textual" e com as suas especificidades (inclusive a sua capacidade de comparar o texto com outros que leu, e que podem não ter sido previstos ou sequer conhecidos pelo autor do texto original que está se prestando à leitura). (BARROS, 2014, p. 15).

Para resumir as definições do referido autor, as práticas culturais, além de complexas, apresentam-se de inúmeras formas e o ato da recepção da leitura por parte do leitor caracteriza-se também como prática cultural. O estudo das práticas de leitura tem em Roger Chartier um dos maiores expoentes, pois seus estudos se notabilizaram ao apresentar o contrassenso entre o caráter exercido pela produção textual e a autonomia utilizada pelo leitor. De forma que:

Identificar para cada época e para cada meio as modalidades partilhadas de ler - aos quais dão formas e sentidos aos gestos individuais - e que coloca no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto é historicamente produzido um sentido e diferencialmente construído uma significação. (CHARTIER, 1990, p. 122).

Esse autor defende ainda que a leitura é uma atividade que permite a reapropriação, o desvio, a desconfiança, a resistência. Sendo um espaço aberto a leituras múltiplas, os textos, na visão de Chartier, não podem "ser apreendidos nem como objetos, cuja distribuição bastaria determinar, nem como entidades, cuja significação seria universal. Devem ser relacionados à rede contraditória das utilizações que os constituíram historicamente". (CHARTIER, 2002, p. 53).

A análise que pretendemos levar a efeito neste artigo parte de um modelo de prática de leitura milenar na tradição católica, chamada de *Lectio Divina* (*Leitura Orante*) que é um exercício diário da leitura, meditação e compreensão da "Palavra de Deus". De acordo com o Luiz Edgar de Carvalho (2009), além das atividades laborais, havia nos mosteiros um conjunto de regramentos e ritos relacionados à leitura da Bíblia, no qual a regularidade e a atenção no ato de ler eram condições indissociáveis da "boa formação" monastical, uma realidade muito distante do cotidiano do povo em geral que pouco ou nenhum acesso tinha aos textos sagrados.

Desse modo, para melhor entendimento e execução desse método de leitura, um monge cartuxo, no século XII, a sistematizou a partir dos pontos a seguir:

A leitura é o estudo assíduo das Escrituras, feito com espírito atento. A meditação é uma diligente atividade da mente que, com a ajuda da própria razão, procura o conhecimento da verdade oculta. A oração é o impulso fervoroso do coração para Deus, pedindo que afaste os males e conceda as coisas boas. A contemplação é uma elevação da mente sobre si mesma que, suspensa em Deus, saboreia as alegrias da doçura eterna. (SILVA, 2010, p. 13).

O interessante sobre esse método milenar é que a Igreja Católica, nos últimos anos, tem recuperado em seus impressos oficiais a prática da *Leitura Orante* direcionada aos fiéis para o estudo e conhecimento da Bíblia. Como são muitas as publicações sobre o assunto, optamos por trabalhar com alguns subitens de capítulos dos documentos aprovados pelas Assembleias dos Bispos do Brasil, da América Latina e do Caribe.

O primeiro deles é o *Documento de Aparecida* (DAp), proveniente da *V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe*, ocorrida em Aparecida, São Paulo, no período de 13 a 31 de maio de 2007, que entre os diversos pontos que abordou, ressaltou a centralidade do exercício da *Leitura Orante* a partir da realização dos quatro passos de reflexão (leitura, meditação, oração e contemplação) a serem desenvolvidos nas celebrações, nos círculos bíblicos, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e nos encontros de formação bíblico-catequética.

Outro documento da Igreja Católica utilizado neste estudo será o *Diretório Nacional de Catequese* (DNC), texto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (2006) que diz sobre a *Leitura Orante* consistir: "na leitura de um trecho bíblico, repetida uma ou mais vezes, acompanhada de silêncios interiores, meditação, oração e contemplação. É a prática do Fala, Senhor, que teu servo escuta (1Sm 3,9)". (CNBB, 2006, p.105).

Utilizaremos ainda, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015 – DGAE* – (CNBB, 2011) outra produção da Igreja Católica, que trata da necessidade de os fiéis não apenas terem acesso à Bíblia como também receberem ajuda na leitura "correta" da Escritura para: "chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos e empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo". (CNBB, 2011, p. 75).

Tendo em vista que a *Lectio Divina* é um método pensado para exercer controle sobre a interpretação das leituras da Bíblia, o que a enquadra naquilo que Roger Chartier chamou de "protocolos de leitura", analisaremos a complexa teia de relações estabelecidas entre a *instituição* que, por meio de seus manuais orientados pelas instâncias oficiais como a CNBB, buscava guiar a compreensão dos fiéis, e os *catequistas* que, como agentes de mediação dos ensinamentos, deveriam pôr em prática o método da *Leitura Orante* em suas atividades catequéticas. Uma prática, deve-se frisar, marcada pela leitura do catequista e suas interpretações; aberta, portanto, a desvios e errâncias.

Para entender a recepção das mensagens divulgadas nos impressos da Igreja Católica e a apropriação dessas informações feita por três catequistas que atuavam no cotidiano de ensino catequético da Paróquia Cristo Libertador, optamos por trabalhar com fontes orais, que é um importante recurso de pesquisa por permitir que os pesquisadores deem voz a grupos silenciados nas fontes de caráter oficial, tomando suas impressões a respeito de determinados eventos e configurações históricas. Na concepção de Verena Alberti (2011), uma das maiores referências sobre esse assunto no Brasil, a história oral é:

[...] Uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2011, p. 155).

Como base nesses pressupostos, elaboramos o instrumento de pesquisa a ser trabalhado com as depoentes, iniciando pelo levantamento dos critérios de seleção das testemunhas, verificação dos equipamentos e os procedimentos para armazenamento das informações, assim como, definimos local, horário e dia em que os depoimentos seriam tomados, tudo isto seguindo as orientações expressas pela autora Verena Alberti (2013).

Nesse sentido, nosso roteiro de entrevista foi organizado em 18 perguntas. A primeira parte dele objetivava identificar os sujeitos da pesquisa; com os demais questionamentos procuramos saber sobre os procedimentos de leitura e interpretação da Bíblia por parte dos agentes da catequese no decorrer de suas práticas pedagógicas.

O critério de seleção das depoentes definiu-se pela participação direta das catequistas no acompanhamento pastoral específico às crianças, aos jovens e aos adultos da catequese durante o tempo de nossa investigação. Os depoimentos foram realizados entre junho e setembro de 2018, nos dias, horários e locais acertados com as entrevistadas.

Este trabalho está dividido em dois tópicos, o primeiro aborda de maneira breve a história da *Lectio Divina* e a referência desse método de leitura em alguns documentos oficiais da Igreja Católica. O último tópico examina as falas das entrevistadas com base no aporte teórico e metodológico da história oral, e por fim, entrecruza alguns excertos das conversas com as questões debatidas pelos autores que tratam sobre a história da leitura.

2 UMA PRÁTICA ORANTE ANTIGA DE LER A BÍBLIA

Os primeiros séculos da era cristã foram ambiente fértil para o surgimento de novas religiões. O cristianismo, nesse contexto, era apenas mais uma expressão religiosa entre tantas, mas que possuía um universo teológico bastante específico pelo teor de suas mensagens que se pautavam no princípio da "libertação individual" e na perspectiva da ressurreição após a morte e pela centralidade da figura de Jesus Cristo, a referência de "Messias", o ungido do Pai, mas tido também como o filho de Deus na representação humana. Nesses termos, a religião cristã era uma seita que não podia se manifestar publicamente, porém, com a conveniente conversão do Imperador Constantino, em 312, essa religião passou a ter suas manifestações aceitas pelo Estado romano. Contudo, foi somente no ano de 380, com o Imperador Teodósio I, que o cristianismo tornou-se credo oficial de Roma (BLOCKMANS & HOPPENBROUWERS, 2012).

É nesse cenário de formação das comunidades nascentes que se tem conhecimento de uma prática antiga de ler a Bíblia e meditar sobre suas mensagens. O padre Alceu Luiz Orso (2011), ao falar sobre o assunto na *Revista Ave Maria*, dizia que a *Lectio Divina* correspondia ao hábito de leitura, praticado pelos primeiros "padres da Igreja" e monges no início do cristianismo e que perdurou até o século XII.

De acordo com o referido presbítero, essa forma de leitura e interpretação da Bíblia, chamada *Lectio Divina*, originava-se da expressão grega *theia anagnósis*, na raiz

latina do termo, *Lectio* significava “Leitura” e *Divina* remetia-se ao seu objeto de estudo, a "Palavra de Deus".

Segundo Luiz Edgar de Carvalho (2009), no Antigo Testamento, dentro da cultura judaica, cabia aos pais a orientação dos filhos nos estudos bíblicos. Os cristãos, apesar disso, atualizaram a tradição judaica feita de geração em geração só que a partir do acontecimento de vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Para isso, os ensinamentos sobre as Escrituras faziam parte da evangelização dos novos fiéis, mas a leitura crente da Bíblia não era sistematizada como nos séculos posteriores.

Para Alceu Luiz Orso (2011), a *Lectio Divina* consistia no exercício pessoal ou comunitário de um texto bíblico feito com base nas seguintes etapas ou degraus: leitura, meditação, oração e contemplação da Bíblia, que por longo período reservou-se à vida monástica e clerical, distante da maioria das pessoas.

Porém, com o impulso do Concílio Vaticano II (1962-1965), um grande concílio ecumênico convocado pelo Papa João XXIII e concluído por Paulo VI, ocorrido entre 11 de outubro de 1962 e 07 de dezembro de 1965, que propôs à Igreja Católica olhar para si mesma, rever sua identidade e suas ações diante do mundo moderno (PASSOS, 2016). Como havia o objetivo de aproximação da Igreja com os fiéis, o antigo método orante da Bíblia voltou a ser incentivado, tornando-se popular no mundo inteiro.

Na visão de Raimundo Aristides da Silva (2010), autor ligado à Igreja Católica, a prática diária de *Leitura Orante* da Bíblia garantia ao fiel o “sustento espiritual” capaz de estabelecer o contato próximo e familiarizado com Deus. De outra maneira, Alceu Luiz Orso (2011) reforçava a ideia de que a *Leitura Divina* poderia ser desenvolvida por qualquer pessoa, em local e tempo a escolher e que a duração da leitura dependia da disponibilidade e intimidade da pessoa em deixar-se envolver pela prática orante da Bíblia.

Ainda sobre o assunto, Rosana Pulga (2012), escritora vinculada à Igreja Católica, pontuava algumas considerações acerca da *Leitura Divina* e *Orante* da Bíblia:

É uma prática simples e muito confortadora. É um "guia" seguro que, além de esclarecer, firma nossa fé no Deus de Jesus Cristo, no Deus que é Pai materno, no Deus que está sempre presente na vida de todos os seus filhos e filhas, os quais ele tanto ama. Com essa forma de ler a Palavra vem a prática das boas obras; com a prática das boas obras, vem a solidariedade e a fraternidade e, com esta, vem o prazer de sentir-nos filhos e filhas desse Deus que é Abba, "papai", com ternura de "mamãe". (PULGA, 2012, p. 60).

Para a autora, a *Leitura Orante* surgiu no Primeiro Testamento com os fariseus chamados de "Mestres ou sábios de Israel", muito embora essa prática orante não recebesse tal denominação inicialmente. Em todo caso, a *Leitura Divina* prosseguiu com os primeiros padres da Igreja Católica. Apesar de algum enfraquecimento da prática entre as primeiras comunidades cristãs, no ano de 1150 da E.C um monge cartuxo chamado Guigo a retomou com base em uma estruturação por ele chamada de "*Escola do Claustro*" ou "*Escala dos Monges*" em que, por meio do exercício dos quatro degraus (leitura, meditação, oração e a contemplação), o monge acreditava que deveriam possibilitar uma experiência de elevação espiritual.

Segundo Rosana Pulga (2012), após o século XII, devido às inúmeras reformas religiosas que aconteceram, principalmente na Europa, essa prática antiga da Igreja Católica quase desapareceu da vida das comunidades, sendo recuperada no século XX com o Concílio Vaticano II.

Pedro Lima Vasconcelos e Rafael Silva (2015) relatam que na América Latina, mais especificamente no Brasil, a Igreja Católica tinha em Frei Carlos Mesters, missionário, biblista e exegeta, uma de suas maiores referências na publicação de materiais que colaboraram na instrução do povo, na leitura e interpretação da bíblia. Nessa lógica, Humberto Robson de Carvalho (2015), padre estudioso da catequese, esclarece que no primeiro passo da *Lectio Divina*, apresentado por Guigo, constava a *leitura* atenta e observante do texto bíblico, de modo a abstrair a mensagem central da leitura, deixando-a falar por ela mesma. Nessa etapa, o autor destacava: "o silêncio é fundamental para que a Palavra de Deus encontre espaço dentro de nós, é necessário, ler duas, três..." (CARVALHO, 2015, p. 26).

Ainda a respeito do primeiro degrau, o padre Raimundo Aristides da Silva (2010) lembra que os questionamentos: "como? onde? quem? por quê? por quem?" contribuíam no processo de interiorização da mensagem do texto. Até porque, como argumentava Humberto Robson de Carvalho (2015, p.22) [...], "a interpretação correta da Bíblia requer contextualização do texto em seu contexto, para que não haja uma leitura fundamentalista, isto é, ao pé da letra. "

De acordo com esse último autor, a *meditação* da Palavra, segundo degrau da *Leitura Orante*, era orientada de forma que o texto escolhido, independente de ser do Antigo ou Novo Testamento, devia ser refletido a partir do acontecimento de vida,

morte e ressurreição de Jesus Cristo para que, em consonância a isso, a pessoa orante sentisse sua vida transformada. (CARVALHO, 2016, p. 50).

Em referência à *meditação* do texto, Raimundo Aristides da Silva (2010) acreditava ser possível tirar algumas frases que resumiam o texto lido, de preferência extraídos da própria Bíblia e que fossem lembradas durante o dia. Ele recordava que, progressivamente, o texto bíblico faria parte da realidade das pessoas. Acerca disso, esclarecia:

[...] Nós nos daremos conta de que, por meio do texto que acabamos de ler, Deus está falando conosco também e que esse texto, apesar de pertencer a outro contexto, tem algo a ver com nossa vida, com os nossos conflitos e problemas das nossas comunidades... (SILVA, 2010, p. 19).

O terceiro passo orante da Bíblia, conforme a esquematização de Guigo referia-se à *oração*, norteada pela indagação: "o que o texto me leva a dizer a Deus?". "É o impulso fervoroso do coração para Deus através das nossas súplicas e de nossos louvores" (EDIÇÕES CNBB, 2014, p. 26). Essa oração era feita através de pedidos, louvores (salmos) e preces, (verbalizadas ou escritas), ou seja, "a oração que brota da leitura e meditação provoca em nós uma atitude de admiração e de adoração a Deus e ao seu Filho morto e ressuscitado" (CARVALHO, 2015, p.27).

Por fim, dentro da "*Escala dos monges*" há a *contemplação* que para o escritor da Igreja Católica Leomar Antônio Brustolin (2010, p.17) significava: "contemplar o mistério de Deus na nossa história e buscar compromissos para viver a Palavra de Deus". Na concepção de Rosana Pulga (2012), esse quarto passo exigia ficar em silêncio para interiorização da mensagem bíblica ouvida que interpelava o indivíduo a agir, tomar uma mudança de atitude em sua vida mediante a realidade que o cercava.

Nessa continuidade, a *Lectio Divina*, prática de leitura milenar, chegou até os dias atuais, retomada nos documentos, eventos catequéticos, estudos, semanas brasileiras de catequese e nas formações bíblicas. Havia, inclusive, um *Manual de Leitura Orante* (2014), no qual essa prática aparecia como exercício necessário à formação cristã. Além disso, o mesmo material fazia referência ao sínodo *A Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja* em que se reforçava a ideia dos Bispos:

1) A Bíblia deve voltar à mão do povo, sobretudo dos pobres; 2) A Leitura Orante diária deve ser retomada, sobretudo, pelos ministros que animam a fé do povo e pelos que se preparam para servir ao povo como presbíteros; 3) A exegese científica e o estudo acadêmico da Bíblia devem estar voltados para

a teologia e a pastoral; 4) É importante retomar e valorizar a visão que os Santos Padres da Igreja tinham da Bíblia. (EDIÇÕES CNBB, 2014, p. 22).

Uma vez exposta de maneira sucinta a origem da *Leitura Orante*, como técnica vivenciada pelos primeiros cristãos, era preciso entender como essa metodologia foi recomendada pela Igreja Católica através de seus documentos oficiais, principalmente quando se pensava no contexto Latino Americano, do Caribe e do Brasil. Nessa perspectiva, José Carlos Pereira (2015) falou da *V Conferência Geral Episcopal* realizada em Aparecida – São Paulo no ano de 2007, que resultou na publicação de um dos materiais mais importantes da Igreja no âmbito pastoral e missionário, o Documento de Aparecida (DAp), que entre as temáticas que abordou, deu ênfase à necessidade da escuta e do conhecimento da "Sagrada Escritura" no processo de evangelização dos fiéis, para levá-los a ter um encontro com Jesus Cristo. Por isso, o papa Bento XVI enfatizou:

[...] Ao iniciar a nova etapa que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta V Conferência em Aparecida, é condição indispensável o conhecimento profundo e vivencial da Palavra de Deus, por isso, é necessário educar o povo na leitura e na meditação da Palavra: que ela se converta em seu alimento para que, por excelência própria, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6, 63). (DAp, 2008, n. 247, p. 115-116).

Em vista disso, esse documento, propunha que a ação pastoral da Igreja Católica deveria estar centrada em uma linha fundamentalmente bíblica, capaz de oportunizar aos fiéis e agentes de pastoral, a interpretação e o conhecimento aprofundado acerca das Escrituras, sendo esta, uma das condições basilares para a formação cristã e a propagação do Evangelho.

Para isso, o Documento de Aparecida (2008) sugeria a participação frequente do fiel nas celebrações dominicais, sobretudo, na Eucaristia, em que, era feita a memória dos preceitos cristãos. Todavia, os bispos da América Latina ressaltavam o fato de que muitos fiéis, devido à falta de assistência pastoral, buscavam fortalecer a fé por meio de celebrações da Palavra, mesmo com a ausência de presbíteros.

Os bispos, ao falarem do *caminho de formação dos discípulos missionários* no capítulo VI do Documento de Aparecida (2008), evidenciaram o relevante convite ao exercício orante da "Palavra":

Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos somos convidados: a *Lectio Divina* ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. Essa leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus - Messias, à comunhão com Jesus - Filho de Deus e ao testemunho de Jesus - Senhor do universo. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo semelhante ao modo de tantos personagens do evangelho... (DAp, 2008, n. 248, p. 116).

Conforme o exposto no documento, a pessoa ao realizar os passos da *Leitura Orante* poderia fazer uma experiência diferenciada de fé, capaz de ajudá-la no melhor discernimento das propostas de Jesus Cristo presentes, principalmente, nos Evangelhos. Assim, essa maneira de ler a Bíblia permitiria ao fiel encontrar elementos mais concisos que fundamentassem sua crença na religião católico-cristã.

Contribuiu com essa discussão o primeiro Diretório Nacional de Catequese – DNC – (CNBB, 2006), aprovado na 43ª Assembleia Geral da CNBB, em 2005. Este material, conhecido como documento 84, retratou a caminhada catequética da Igreja no Brasil nos últimos 50 anos. Mais do que isso, apresentou indicações para o trabalho pastoral, pautadas na centralidade bíblica e litúrgica que precisariam estar adequadas às especificidades regionais do país.

Ao destacar o tópico *A Palavra de Deus, fonte da Catequese*, em seu IV capítulo, a CNBB (2006), frisou que os conteúdos bíblicos sempre acompanharam a história do cristianismo, tanto que nos tempos atuais eles estariam no centro das formações catequéticas. Nesse contexto, a análise minuciosa dessas mensagens deveria ser assegurada para não se incorrer no risco de uma leitura meramente factual.

A CNBB (2006), abordava a forma receptível que os católicos escutavam a "Palavra de Deus", sobretudo quando ela era proferida durante as celebrações e os encontros formativos ou ainda em virtude das orações pessoais. Acreditava-se que a mensagem ouvida poderia funcionar como motriz espiritual na caminhada de fé. Nessa continuidade, a *Leitura Orante* era apresentada pela CNBB (2006) como um recurso de leitura bíblica, acessível às pessoas, considerando a recitação, a reflexão e a introspecção do texto, elementos preponderantes para o fiel alcançar o contato com Deus. Em referência a isso, evidenciava-se:

Seja incentivada e reforçada a prática da leitura pessoal e orante da Bíblia conforme as orientações do Concílio, e especialmente, a prática dos círculos bíblicos ou reuniões de grupo, para a leitura da Bíblia e a reflexão sobre a

vida hoje, com o decorrente compromisso cristão. (CNBB, 2006, n. 111, p. 106).

Os redatores da CNBB (2006) acreditavam que o hábito de ler a Bíblia havia se propagado principalmente entre os adultos e as camadas populares da sociedade. Por conta disso, era necessário o acompanhamento pastoral feito pelos presbíteros, diáconos, agentes de pastoral e ministros da Palavra, na transmissão mais adequada dos ensinamentos bíblicos.

A CNBB (2006), dizia ainda, que a utilização de recursos metodológicos como os teatros, as paródias e a construção de painéis, durante as reflexões das pequenas comunidades eclesiais, contribuía de maneira significativa na contextualização e atualização da mensagem bíblica. Mediante isso, destacava-se:

1) Os pobres levam para dentro da Bíblia os problemas da sua vida, ou seja, leem a Bíblia a partir da sua realidade e luta; 2) fazem uma leitura obediente e respeitam o texto, pois se colocam à escuta do que Deus tem a dizer; 3) trata-se de uma leitura feita em comunidade, representa um ato de fé e uma prática orante. (VASCONCELOS & SILVA, 2015, p. 104).

Por último, registramos neste trabalho, o texto 94 da CNBB, intitulado, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015 – DGAE –* (CNBB, 2011) aprovado na 49ª Assembleia Geral dos bispos do Brasil. Nele, a Igreja Católica, atenta às questões emergentes do mundo moderno, sentiu-se interpelada a olhar para sua organização pastoral, por isso, traçou medidas de como responder satisfatoriamente às adversidades apregoadas por um tempo de mudanças vertiginosas.

Com respeito a isso, o assunto *Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral* foi tratado no capítulo III, da CNBB (2011), como uma das cinco urgências dessa instituição religiosa a serem implantadas no país, através dos planos das Dioceses e Paróquias. Tal pressuposto, ratificava a necessidade de a Igreja assumir uma nova maneira de evangelizar que estivesse mais próxima e fosse mais sensível à realidade do povo disperso nos diferentes contextos sociais, ou seja: "a atual consciência missionária interpela o discípulo missionário a sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo" (CNBB, 2011, n. 31, p. 43).

Como bem lembrou o documento, diante das notáveis modificações ocorridas no mundo nos últimos anos, que influenciaram sobremaneira a vida das pessoas, a Igreja Católica apresentava-se como difusora das doutrinas da fé cristã, pois

acreditava que através dessa abordagem poderia ser também um centro de atração para novos fiéis. Dito isso, entendia-se que:

É, pois, no contato eclesial com a Palavra de Deus que o discípulo missionário, permanecendo fiel, vai encontrar forças para atravessar um período histórico de pluralismo e grandes incertezas. Bombardeado a todo o momento por questões que desafiam a fé, a ética e a esperança, o discípulo missionário precisa estar de tal modo familiarizado com a Palavra de Deus e com o Deus da Palavra que, mesmo abalado pelas pressões, continue solidamente firmado em Cristo Jesus e, por seu testemunho, converta os corações que o questionam (cf. At 16, 16-34). (CNBB, 2011, n.47, p. 52).

Nessa linha de pensamento, a CNBB (2011), apresentava a *Leitura Orante* como alternativa de ler a Bíblia, possível de ser executada em qualquer lugar e hora, até mesmo nas regiões metropolitanas de vida cotidiana agitada. Nesse documento, reforçava-se a ideia de que o uso da Bíblia não deveria ser feito de maneira indiscriminada, mas a partir da mensagem ouvida, por meio da qual o fiel era convidado a ser também um agente de evangelização.

Resumindo as ideias ora pontuadas, observamos que a Igreja Católica, como instituição religiosa pautada nos aspectos da missão e da evangelização, precisou rever muitas práticas pastorais. Nesse sentido, restaurou, a partir do Vaticano II, a *Lectio Divina*, antiga forma orante de internalização da Bíblia, que na sua visão, consistiria em uma metodologia adequada na formação dos fiéis. Para tornar operante essa técnica de leitura, a Igreja contava com a colaboração de muitos educadores na fé, os catequistas que, mesmo com certa dificuldade, dedicavam-se à orientação cristã de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Assim, muitos deles:

[...] Se esforçam, estudam, exercitam-se na *Lectio Divina* (ou leitura orante) com muito fruto para si e para os catequizandos. Entretanto, grande parte da multidão de catequistas ainda se sente perdida diante do mundo bíblico, da compreensão dos textos, da correta interpretação. (LIMA, 2016, p. 251).

Diante disso, é interessante pensar na forma de leitura e interpretação da Bíblia proposta pela *Lectio Divina* à luz da história da leitura, pois seu método era constituído por uma série de regramentos pré-determinados que deveriam ser cumpridos a cada etapa e que exigiam da pessoa o mínimo de preparação e domínio sobre o texto bíblico escolhido. Sendo isso verdade, o próximo tópico deste artigo trabalhará com as

experiências dessa técnica aplicada à realidade da Paróquia Cristo Libertador¹, da cidade de Santarém-Pará entre 2011 e 2015.

3 ANÁLISE DAS FONTES A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL E DA HISTÓRIA DA LEITURA

Para análise proposta nesse tópico, elaboramos um roteiro de entrevista com 18 perguntas direcionadas aos catequistas com o objetivo de compreender como ocorreu a prática da *Leitura Orante* no cotidiano de ensino catequético da Paróquia Cristo Libertador, da cidade de Santarém - Pará, entre 2011 e 2015. Esse instrumento de pesquisa foi respondido pelas senhoras Maria Aparecida, Maria de Nazaré e Maria da Conceição, que receberam esses codinomes para facilitar o entendimento na exposição dos relatos e garantir-lhes o anonimato.

Deste modo, as entrevistas foram realizadas entre junho e setembro de 2018, em dias, horários e locais alternados previamente agendados. Definimos como critério de seleção das entrevistadas o fato de elas terem atuado na Paróquia durante o recorte temporal da pesquisa, na formação catequética de indivíduos compreendidos nas mais variadas faixas etárias, o que permitiria maior clareza das informações quanto ao emprego da *Lectio Divina*.

De acordo com Verena Alberti (2013), os entrevistados podem ser escolhidos pela relação direta com a temática discutida, além desse critério, é possível ouvir os mais idosos entre o grupo analisado, que apresentem boa saúde física e mental. Segundo a mesma autora, os depoentes podem ser selecionados por gênero, assim como é aceitável obter os relatos das pessoas que não tenham tanta aproximação com o assunto pesquisado.

Em concordância a isso, nossa primeira entrevistada foi a senhora Maria Aparecida, 52 anos, mãe de 03 filhos, casada, pedagoga, formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA), pós-graduada em psicopedagogia e clínica institucional; atua como servidora pública na coordenação pedagógica de uma escola municipal.

¹Foi criada no dia 26 de maio de 1991, a partir da aprovação no conselho de presbíteros da Diocese de Santarém em conformidade com o direito canônico em seu número 515§ 2, no capítulo VI. A Paróquia Cristo Libertador compreende os bairros que ficam à leste da cidade de Santarém - Pará, e é administrada desde a sua criação pela ordem franciscana São Benedito da Amazônia. (Decreto de Fundação da Paróquia Cristo Libertador, 1991, p. 2-3).

Essa depoente iniciou ainda jovem sua trajetória como catequista, mas por "motivos particulares" precisou se distanciar de suas funções por alguns anos, retomando-as em 1986, quando foi convidada para reassumir o serviço de formadora catequética. Nesses termos, durante o recorte temporal da investigação, Maria Aparecida acompanhava a catequese de crianças e adolescentes entre os 09 e 13 anos que se preparavam para receber o sacramento da eucaristia.

Nossa próxima conversa deu-se com a senhora Maria de Nazaré, 64 anos, mãe de 05 filhos, casada, aposentada, graduada em Serviço Social e que, atualmente, dedica sua vida aos labores domésticos. Começou como catequista no ano de 1982 ao perceber que a comunidade de São José Operário, local onde passou a frequentar, carecia de pessoas que assumissem o serviço catequético, principalmente com as crianças e os adolescentes do bairro. No entanto, no transcurso deste trabalho, suas vivências correspondiam à assistência na catequese com adultos.

Por último, contribuiu com nossa pesquisa a senhora Maria da Conceição, 38 anos, genitora de uma filha, solteira, residente no bairro do Diamantino; servidora pública, habilitada em magistério e graduanda em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP). Principiou como catequista, em 1994, após receber o sacramento da crisma. No período de realização desse estudo, ela assessorava os encontros catequéticos com adolescentes e jovens.

Nesse sentido, uma sessão com cada participante foi o suficiente para coleta das informações, logo, é oportuno dizer que as entrevistas duraram em média 25 minutos. Os diálogos foram armazenados no aparelho de celular da entrevistadora que também fez uso de um caderno para anotações. Importante destacar que a senhora Maria da Conceição teve acesso ao questionário antecipadamente já as outras depoentes, só souberam das questões apenas no ato da entrevista.

A primeira parte do questionário cuidou de buscar informações sobre como as entrevistadas teriam chegado à condição de catequistas. Com respeito a isso, a autora Verena Alberti (2013), elucida que a exposição da biografia dos depoentes precisa constar tanto nas histórias de vida como nos trabalhos com temas específicos, pois esse elemento deverá ser confrontado com outros aspectos que surjam ao longo das declarações.

Ao continuar a análise das entrevistas, observamos que as catequistas participaram de encontros formativos no ano de 2011, na Paróquia Cristo Libertador, e

que nesse tempo tiveram conhecimento do método da *Leitura Orante* da Bíblia. Assim, a senhora Maria Aparecida declarou:

A partir de 2011 o nosso pároco, ele resolveu fazer um novo estilo de catequese que foi o método da catequese da iniciação à vida cristã, né, com inspiração catecumenal, e dentro dessa formação que nós tivemos uma parada, passamos 1 ano formando, e eu fui apresentada a essa metodologia da *Leitura Orante*, então nós passamos esse período todo de formação, houve uma parada nos encontros, nas formações para as crianças, e nós nos capacitamos com esse objetivo de levar o jovem, a criança, o adulto a esse encontro pessoal com Cristo através da *Leitura Orante*.²

A referência à formação de 2011, sobretudo a ênfase à metodologia orante da Bíblia pelas testemunhas, nos mostra a importância que o grupo de catequistas teve na reconstrução das lembranças. Quanto a isso, Sônia Maria de Freitas (2006) fala que a memória só se sustenta no interior de um grupo, pois nele a pessoa estabelece relações com os outros que a ajudam na construção da memória coletiva.

Por outro lado, quando as senhoras Maria Aparecida e Maria da Conceição foram interpeladas acerca do surgimento da *Lectio Divina*, houve um silêncio por algum tempo e a expressão facial delas nos deu a entender que não faziam ideia da resposta ou mesmo que haviam esquecido. Para Sônia Maria de Freitas (2006), o esquecimento está diretamente relacionado à questão da memória, que não é linear, mas varia no tempo, de forma que as informações são esquecidas, selecionadas por aquilo que o entrevistado acredita ser relevante ou não. A respeito do silêncio, Verena Alberti (2013) pontua que ele é um dos pontos determinantes a ser verificado na pesquisa com fonte oral, pois no ato de silenciar está contido um importante traço elementar da construção mesma da memória, um fenômeno que se ancora cognitivamente na seleção do que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Na zona do silêncio, estão, não raro, aqueles elementos que se quer escamotear, ainda que involuntariamente, ou mesmo aqueles que são motivo de algum constrangimento. É necessário, assim, que o pesquisador observe e interprete o que "vocifera" na intersubjetividade do "não dito".

No caso específico das duas entrevistadas que não se recordaram da história da *Lectio Divina*, podemos perceber que a aplicabilidade do método se dava mais no seu sentido "prático" do que no plano "filosófico" atribuído a esse regramento de leitura, ou seja, o método era aplicado no dia a dia catequético sem uma reflexão dos elementos

²APARECIDA, Maria. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [jun.2018]. 1 arquivo. mp3 (31.58.05).

teológico-formativos mais amplos, conforme descrito nos livros e documentos oficiais da Igreja.

Identificamos, desse modo, que as maneiras de emprego da *Lectio Divina* variavam conforme as idades específicas de cada grupo da catequese, isso porque Maria da Conceição destacou:

Era realizada de vários passos, vários momentos, o nosso grupo, a gente fazia na divisão tipo, a espécie de divisão de grupos, um grupo ficaria com a leitura, outro grupo com a meditação, outro grupo com a oração e outro grupo com a contemplação, depois a gente fazia a junção, fazia a plenária ver como era que cada grupo colocava a maneira, como era a melhor maneira da *Leitura Orante*, através da leitura, a meditação, a oração e a contemplação.³

A catequese com crianças era executada por Maria Aparecida, da seguinte forma:

Os encontros são desenvolvidos claro que com crianças, nós temos que dinamizar, então ela não é uma leitura como se faz com pessoas adultas, seguindo todos os métodos daquela forma mais tradicional, então com criança todos os passos eles são desenvolvidos de forma dinâmica, por exemplo, pra fazer a reconstrução do texto sempre fazia uma dinâmica diferente, tinha momentos que a gente fazia uma brincadeira, duma espécie de uma roleta com uma garrafa, por exemplo, que girava e que a criança que fosse apontada, ele ia responder a pergunta direcionada, a gente ia sempre dinamizando para fazer acontecer de forma que eles não sentissem aquilo como... muito monótono, muito enfadonho...⁴

Ainda que os manuais da Igreja Católica prescrevam a maneira ordinária com que o método da *Leitura Orante* deva ser aplicado, houve uma readequação no momento da execução prática durante os encontros, uma apropriação permeada de criatividade e inventividade que o catequista utilizou querendo tornar clara a mensagem bíblica. Esse tipo de reinvenção dos modelos prescritos pelas instituições na atividade cotidiana é algo de grande interesse nos estudos históricos, especialmente no bojo da denominada História Cultural, muito interessada na recepção, nas práticas, isto é, nos diferentes usos e apropriações dos bens culturais. É o que defende um dos expoentes desse modo de fazer histórico, o historiador Michel de Certeau:

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de "consumo": esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua

³ CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [set.2018]. 3 arquivo. mp3 (18:05).

⁴ APARECIDA, Maria. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [jun.2018]. 1 arquivo. mp3 (31.58.05).

ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p. 39).

Nessa lógica, a Paróquia Cristo Libertador disponibilizou aos catequistas um conjunto de materiais impressos que norteavam a forma com que os encontros catequéticos deveriam ser assessorados, com vistas à prática orante de se ler a Bíblia. Tal afirmação se constatou na fala da participante Maria da Conceição: "Era, nós tínhamos o livro específico que a gente trabalha com a catequese. [...] Veio o folder também dos passos da *Leitura Orante*, também uma cartilha de reflexão com os passos, o conteúdo em forma de *Leitura Orante*"⁵.

Sobre isso, cabe a análise de Roger Chartier, um dos mais notáveis historiadores no campo da história da leitura, quando pontua que os textos e as palavras, que têm por objetivo moldar os pensamentos e as condutas, não são totalmente eficazes nem "radicalmente aculturantes", uma vez que: "as práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são (...) redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas". (CHARTIER, 1990, p. 137).

Sob o ponto de vista de Robert Darnton, outro estudioso da historiografia, a história da leitura, não está reduzida apenas às obras impressas e ao universo do leitor, mas precisa ser considerada também, a partir da importante participação daqueles que atuam nos sistemas de produção e edição dos materiais impressos. Assim, esse autor apresenta a "análise textual" correlacionada à "pesquisa empírica":

Por isso eu argumentaria em prol de uma estratégia dupla, que combinaria a análise textual com a pesquisa empírica. Dessa maneira, poderia ser possível comparar os leitores implícitos do texto com os leitores reais do passado e, através dessas comparações, desenvolver tanto uma história, quanto uma teoria da reação do leitor. (DARNTON, 1992, p. 299).

Durante os depoimentos, percebemos também que havia um planejamento catequético paroquial a ser efetivado pelas catequistas, é o que fica evidenciado no testemunho da senhora Maria de Nazaré:

Bem todo plano é flexível, também na catequese não deixa de ser, nós temos que considerar as datas comemorativas, nós temos que considerar é... os... as... algum movimento que a igreja promove em nível social quando vai se

⁵CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [set.2018]. 3 arquivo. mp3 (18:05).

fazer uma caminhada pela paz, uma visita, uma missão, então tinha que parar um pouco com o conteúdo da catequese para se envolver na vida da comunidade (...).⁶

O discurso da entrevistada deixa transparecer que a Paróquia tentava exercer certo controle na maneira uniforme com que a catequista deveria proceder na catequese, contudo, em suas palavras, notamos que outras atividades foram livremente inseridas nas orientações catequéticas, que supostamente não correspondiam na íntegra ao que era solicitado como conteúdo doutrinal da fé. Para Roger Chartier, essas relações:

Longe de terem a absoluta eficácia aculturante que lhes é atribuída com demasiada frequência, esses dispositivos [de controle] (...) deixam necessariamente um lugar, no momento em que são recebidos à variação, ao desvio, à reinterpretação. (CHARTIER, 2002, p.53).

Por outro lado, Maria da Conceição, ao ser indagada sobre o mesmo cumprimento da programação catequética paroquial, disse: "sim, mas aí a gente colocava alguma dinâmica né, vídeos para também atrair um pouco o conteúdo que vinha da secretaria"⁷. Nisso, percebemos claramente as relações de força entre "dominantes" e "dominados", tão difundidas por Michel de Certeau quando trata das práticas cotidianas e esclarece as noções de estratégias e táticas, de modo que:

As estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. (CERTEAU, 1998, p. 102).

Outro tema levantado nas exposições orais foi o fato de a Paróquia colocar nas mãos dos fiéis a Bíblia como objeto de leitura na catequese, livro esse que passou a integrar o acervo pessoal dos catequizandos. Tal detalhe foi notado no pronunciamento da catequista Maria de Nazaré:

O livro sagrado, ele faz parte hoje da biblioteca dos catequizandos, não é só mais aquele livro de formação, mas a Bíblia até a paróquia incentiva dando uma Bíblia. (...) Este livro da bíblia que muitas vezes o catequizando, muitas

⁶NAZARÉ, Maria de. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [jun.2018]. 2 arquivo. mp3 (20:22).

⁷CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém, [set.2018]. 3 arquivo. mp3 (18:05).

vezes não tem condição financeira de ter o acesso a uma Bíblia, e a paróquia, ela fornece⁸ (...).

Diante do exposto é possível notar como as pessoas têm acesso aos diversos tipos de bens culturais, porém, mais do que isso, o referido relato nos leva a pensar como é feita a apropriação desses bens de consumo, uma vez que, para o autor Michel de Certeau há uma complexidade em se entender o ato da leitura, visto que ela é: [...] "flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera." (CERTEAU, 1998, p.49). Em concordância, o autor Roger Chartier dirá que:

O acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto (...) a aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objecto fundamental da história cultural. (CHARTIER, 1990, p.137).

Quando interpelada sobre a importância da prática da *Leitura Orante* nos encontros da catequese, Maria da Conceição discorreu:

Até hoje eu considero importante né, porque aí que nós, enquanto catequistas, e os jovens como catequizandos, vamos aprendendo, conhecendo mais a nossa prática da leitura, conhecendo quem são os primeiros livros da Bíblia, né, quem foi que escreveu, toda uma trajetória, então a *Leitura Orante* faz com que a gente pudesse também fazer tudo isso.⁹

A argumentação da depoente nos permite compreender o ordenamento dos assuntos catequéticos, principalmente quanto à formação histórica da Bíblia. Além disso, nos sugere que a catequista acreditava na viabilidade do método da *Lectio Divina* como elemento propulsor na formação católico-cristã. Para tanto, nas reflexões da história da leitura, fatores como as tensões existentes entre aqueles que prescrevem os materiais impressos e as pessoas quem os recebem, precisam ser entendidas a partir de:

[...] Dois modelos de compreensão para explicar os textos, os livros e as suas leituras. O primeiro põe em contraste disciplina e invenção, considerando estas duas categorias não como antagônicas, mas como sendo geridas a par. Todo o dispositivo que visa criar controle e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, não há uma

⁸NAZARÉ, Maria de. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém, [jun.2018]. 2 arquivo. mp3 (20:22).

⁹CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [set.2018]. 3 arquivo. mp3 (18:05).

produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos. A oposição é demasiado simples entre espontaneidade "popular" e coerção das instituições ou dos dominantes: o que é preciso reconhecer é o modo como se articulam as liberdades condicionadas e as disciplinas derrubadas. (CHARTIER, 1990, p.137).

A partir das entrevistas notamos que havia o incentivo da Paróquia Cristo Libertador em tornar acessível a "Palavra de Deus" às crianças, aos jovens e aos adultos da catequese. Para isso, contou com a contribuição de fiéis que desempenharam a função de catequistas. Essas colaboradoras receberam, com certa frequência, formações específicas, e fizeram uso de determinados materiais impressos, que as orientou quanto às práticas a serem aplicadas nos encontros catequéticos, principalmente, no que se referia ao emprego da *Lectio Divina*.

Em todo caso, é bastante significativo, que mesmo que a metodologia da *Leitura Orante* da Bíblia tenha sido exposta de igual modo às "formadoras na fé", o uso e as apropriações de cada uma delas, ao se deparar com os diferentes "públicos" da catequese, foram pautados em certa margem de inventividade pela forma criativa de readaptação, tal como Michel de Certeau descreve ao falar dos intrincados jogos de apropriação dos bens culturais:

[Há] Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que "fazer com". Nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. (CERTEAU, 1998, p.79).

Com esses pressupostos, a análise dos modelos de leitura propostos pelas instituições e a recepção feita pelas "pessoas comuns" constituem-se em um importante tema de estudo para aqueles que entendem ser essencial levar em consideração não apenas a produção e difusão de mensagens, mas também as pessoas que se apropriam desses materiais com diferentes usos e interpretações. No caso específico de nosso estudo, as entrevistadas eram mulheres, mães, esposas, trabalhadoras, que nas horas vagas, isto é, aos finais de semana, dedicavam-se ao serviço da evangelização. Assim sendo, buscamos entender como essas agentes responsáveis pela transmissão dos elementos constituintes da fé católica, muito bem firmados nos manuais pedagógicos para "controle" dos fiéis, recepcionavam essas mensagens no cotidiano da catequese,

pois a efetividade das mensagens esperada pela cúpula da Igreja, dependia, invariavelmente, dessas mulheres comuns que no ato catequético eram, por algumas horas, a voz autorizada no balizamento do "certo" e do "errado". Sobre a relevância desse foco nas pessoas comuns, Jim Sharpe pontua:

Como nossos sentimentos nos recordam, a expressão “história vista de baixo” implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das “pessoas comuns”, mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social. Esta conclusão, por sua vez, leva ao problema de como a história vista de baixo deve ser ajustada a concepções mais amplas da história. Ignorar esse ponto, ao se tratar da história vista de baixo ou de qualquer tipo de história social, é arriscar a emergência de uma intensa fragmentação da escrita da história, talvez de algum tipo de "antiquarianismo" moderno. (SHARPE, 1992, p. 54-55).

Enfim, as opiniões, as memórias, os relatos de vida e as narrativas das experiências catequéticas das entrevistadas, foram muito oportunas por ressaltarem a instigante relação que se dá entre "agentes sociais" e a estrutura hierárquica da Igreja. São mulheres que na maioria das vezes operam no anonimato, no silêncio, dentro de determinadas estruturas institucionais, quando, na verdade, elas deveriam ser olhadas pelo que são: protagonistas e sujeitos da secular história da Igreja Católica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos analisar as leituras e interpretações da Bíblia no universo catequético da Paróquia Cristo Libertador, da cidade de Santarém - Pará, entre 2011 e 2015. Trata-se, evidentemente, de uma perspectiva histórica das mais desafiadoras, como demonstramos nas páginas deste estudo, pois está inserida na complexa teia das recepções ou apropriações de um ato extremamente subjetivo e cujos registros são escassos, como é o caso da leitura. Conforme já explicitado, os historiadores vinculados à chamada Nova História Cultural têm insistido na importância de se olhar para os impressos para além dos elementos de produção e distribuição, ou mesmo das mensagens que por meio deles são levadas ao público leitor. A ideia é que as pesquisas históricas alcancem o polo da recepção, isto é, como os leitores e leitoras interpretam os textos na atividade muito inclinada a inventividades e distorções que é a da leitura. Ocorre que esse tipo de pesquisa, na maior parte dos casos, acaba sendo

inviabilizada pela falta de fontes capazes de informar sobre as interpretações dos leitores, já que são muito raros os apontamentos de leitura, pela natureza mesma do ato cognitivo de ler, uma produção cultural silenciosa de percepções que se esvaem no próprio processo que as produz.

Dessa forma, identificamos a recorrência da Igreja Católica a uma prática antiga de se ler as "Sagradas Escrituras", a *Lectio Divina*. Essa metodologia orante, apareceu com mais notoriedade nos documentos oficiais da Igreja principalmente após a realização do Concílio Vaticano II, pautada na execução dos quatro passos de reflexão: leitura, meditação, oração e contemplação.

Em suas origens, a técnica da *Leitura Orante* reservava-se aos padres e monges da referida instituição, mas ao longo do tempo, essa forma de ler a Bíblia tornou-se acessível também aos fiéis "comuns", que passaram a adotá-la em suas ações cotidianas. Nesse sentido, buscamos entender como essa modalidade de leitura aplicava-se no interior dos grupos catequéticos com crianças, jovens e adultos de uma instância paroquial.

A partir dessas considerações, vimos que a Paróquia Cristo Libertador investiu na formação das catequistas, instruindo-as quanto à prática antiga de se ler o "Livro Sagrado". Na sequência, essas "agentes" receberam um conjunto de materiais impressos que deveriam nortear os encontros catequéticos com base na perspectiva orante.

Todavia, por mais insistente que a Igreja Católica tenha sido ao doutrinar as catequistas, elas, na livre autonomia de suas escolhas e interferências na catequese, não hesitaram em utilizar múltiplas táticas como: brincadeiras, vídeos, músicas, dinâmicas, visitas, jornadas, jogos recreativos e uma série de outras indicações metodológicas nas orientações acerca da fé.

Nisso, ficaram evidentes as readequações, os reajustes e as iniciativas empregadas pelos sujeitos da pesquisa que, em boa medida, "escapavam" aos mais rigorosos sistemas de controle instituídos pela Igreja Católica. Contudo, essas constatações não inviabilizaram o método da *Lectio Divina*, ao contrário, as catequistas acreditavam que o recurso orante era essencial na formação cristã dos fiéis. Para tanto, na concepção delas, a Igreja precisava estar atenta às diversidades de pessoas atendidas nos mais diferentes espaços de evangelização católico-cristã.

Assim, pode-se dizer, que as entrevistadas, dentro de determinados limites e espaços de atuação, ao seguirem os métodos de leitura dos manuais, inventaram e reinventaram formas pedagógicas outras que passavam ao largo das propostas neles expressas. Ou seja, fizeram um uso "inventivo" do material pedagógico naquilo que acreditavam ser útil para dinamizar a propagação e o ensino da "Palavra de Deus".

Em suma, à frente dos diversos segmentos pastorais da Igreja Católica atua uma infinidade de fiéis que vivenciam de maneira cotidiana e rotineira os desafios da missão evangelizadora. Essas "pessoas comuns", por mais invisibilizadas que sejam pela alta hierarquia institucional, são majoritariamente as grandes responsáveis por fazerem ecoar o anúncio do "Evangelho" a tantos outros indivíduos compreendidos nas mais distintas realidades e contextos sociais, isso a partir de um bem articulado conjunto de materiais impressos que buscam uniformizar a prática do catolicismo, mas que nas mãos dos agentes catequistas não ficam a salvo de apropriações inventivas tão próprias do ato de recepção.

FONTES

APARECIDA, Maria. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [jun.2018]. 1 arquivo. mp3 (31.58.05).

CARVALHO, Luiz Edgar de (Org.). **Leitura orante da Bíblia**: encontro com a Palavra. São Paulo: Vozes, 2009.

CONCEIÇÃO, Maria da. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém - Pará [set.2018]. 3 arquivo. mp3 (18:05).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Leitura orante**: "Fala Senhor, teu servo escuta". 2ª ed. Brasília, Edições CNBB. 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A palavra de Deus, fonte da catequese**. 1ª ed. Brasília, Edições CNBB. 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. Documentos da CNBB 84. 10ª ed. São Paulo. Paulinas. 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2011-2015. Documentos da CNBB 94. 2ª ed. Brasília, Edições CNBB. 2011.

DECRETO DE FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA CRISTO LIBERTADOR. In: Livro Tombo da Paróquia Cristo Libertador. Santarém, 1991. p. 2-3.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5ª ed. São Paulo. 2008.

NAZARÉ, Maria de. Entrevistadora: Ivonely de Brito Pereira. Santarém, [jun.2018]. 2 arquivo. mp3 (20:22).

ORSO, Luiz Alceu. Lectio Divina: leitura orante da Bíblia para todos. **Revista Ave Maria**, São Paulo, Ano 113, p. 16-19, set. 2011. Mensal.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ªed.rev.atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BARROS, José D'Assunção. Existe uma nova história cultural? Análise de um campo histórico. **Revista Poder & Cultura**. Ano I. v.2, p. 11-44, Out. 2014.

BLOCKMANS, Wim & HOPPENBROUWERS, Peter. **Introdução à Europa medieval, 300 - 1550**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Perseverar na fé: livro do catequista**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. - (Coleção Catequese com leitura orante).

CARVALHO, Humberto Robson de. **Ministério do catequista: elementos básicos para a formação**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015. - (Coleção Catequese)

CARVALHO, Humberto Robson de. **Bíblia: Palavra que transforma a vida dos catequistas**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2016. - Coleção Espiritualidade do Catequista.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 3ª ed. Tradução de Epharain Ferreira Alvez. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.77-104.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 2ª ed. São Paulo, Editora da Unesp, 1992. p. 199-236.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: procedimentos e possibilidades. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

LIMA, Luis Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Marco Conciliar)

PASSOS, João Décio. **A Construção do Concílio Vaticano II**: intuições germinais do Papa João XXIII em vista de um evento renovador. Horizonte, Belo Horizonte, v.14. n. 43, p.1012-1038, jul./set. 2016.

PEREIRA, José Carlos. **Catequistas**: discípulos missionários: exercícios da leitura orante dos documentos da Igreja para capacitação de catequistas. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Catequese)

PULGA, Rosana. **Ler e compreender a Bíblia**: sugestões práticas. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012 - (Coleção pão da palavra)

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 2ª ed. São Paulo, Editora da Unesp, 1992. p. 54-55.

SILVA, Raimundo Aristides da. **Leitura orante**: um caminho de espiritualidade para jovens. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção espaço jovem).

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 189-241.

VASCONCELOS, Pedro Lima & SILVA, Rafael R. da. **O vaticano II e a leitura da Bíblia**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015. - (Coleção Marco Conciliar)

APÊNDICE



Roteiro de entrevista da pesquisa

O roteiro da entrevista a seguir é o instrumento da pesquisa - "*Lectio Divina*": práticas de leitura e catequese na Paróquia Cristo Libertador da cidade de Santarém - Pará, entre 2011 e 2015 referente ao trabalho de conclusão no Curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia/História, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA que tem como autora a graduanda Ivonely de Brito Pereira, orientada pelo Prof. Dr. André Dionei Fonseca. Os sujeitos dessa pesquisa serão alguns catequistas que atuaram nos grupos de catequese com crianças, jovens e adultos na referida Paróquia durante o recorte temporal de nosso estudo.

Dados do entrevistado (a):

Nome Completo:	Idade:
Ocupação?	Bairro onde mora?
Estado Civil:	Se tem filhos?
Escolaridade:	Formação Educacional:

1. Em breves palavras fale sobre como foi sua trajetória de catequista?
2. O que o (a) motivou a ser catequista?
3. Por quanto tempo desenvolveu o serviço de catequista?
4. Com que grupo de catequese você atuava no período de 2011-2015?
5. Em que dia, horário e local aconteciam os encontros da catequese?
6. Como você ensinava a *Leitura Orante* aos catequizandos?
7. Como você obteve conhecimento acerca do método da leitura orante?
8. Que é *Leitura Orante*?
9. Quando surgiu a *Lectio Divina*?
10. Você executava os passos ou degraus da *Leitura Orante*?

11. Como a leitura orante era realizada? Que era necessário para desenvolvê-la? Onde era executada? Quem a praticava? Quanto tempo atribuía-se ao exercício da *Lectio Divina*?
12. Você recebeu no período de 2011-2015, formação específica sobre *Leitura Orante*? Em caso positivo, através de que?
13. Você recebia material específico para trabalhar os encontros da catequese a partir da ótica da *Leitura Orante*? Que tipo de subsídio era esse? Quem o fornecia?
14. Você planejava os encontros da catequese a partir da perspectiva da *Leitura Orante*? Você encontrava dificuldades para realizar o método da orante da Bíblia? Se sim, quais?
15. Você considerava importante a prática da *Leitura Orante* nos encontros da catequese? Por quê?
16. Você cumpria na íntegra os encontros da catequese conforme o que era solicitado na programação catequética da Paróquia?
17. Houve algum incentivo por parte da paróquia em despertar nos catequizandos a prática da *Leitura Orante*?
18. Você gostaria de acrescentar algum outro ponto referente à prática da *Leitura Orante* na catequese naquele período de 2011-2015?